



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL CAMPUS SERTÃO –
UNIDADE SANTANA DO IPANEMA BACHARELADO EM CIÊNCIAS
ECONÔMICAS**

ANA PATRÍCIA REIS DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Rafael de Oliveira Rodrigues

**A GLOBALIZAÇÃO E AS DINÂMICAS SOCIOECONÔMICAS DOS POVOS
TRADICIONAIS: Um estudo a partir do grupo indígena Fulni-ô de Águas Belas,
Pernambuco.**

Santana do Ipanema - AL

2019

ANA PATRÍCIA REIS DA SILVA

**A GLOBALIZAÇÃO E AS DINÂMICAS SOCIOECONÔMICAS DOS POVOS
TRADICIONAIS: Um estudo a partir do grupo indígena Fulni-ô de Águas Belas,
Pernambuco.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal De Alagoas – UFAL,
Campus Sertão – Unidade Santana Do Ipanema,
como parte dos requisitos para obtenção da
graduação do curso Bacharelado em Ciências
Econômicas.

Orientado: Prof. Dr. Rafael De Oliveira Rodrigues

Santana do Ipanema - AL

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Unidade Educacional de Santana do Ipanema
Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

S586g Silva, Ana Patrícia Reis da
A globalização e as dinâmicas socioeconômicas dos povos tradicionais :
um estudo a partir do grupo indígena Fulni-ô de Águas Belas, Pernambuco /
Ana Patrícia Reis da Silva. – 2019.
34 f. : il.

Orientação: Rafael de Oliveira Rodrigues.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Econômicas) –
Universidade Federal de Alagoas. Unidade Santana do Ipanema. Curso de
Ciências Econômicas. Santana do Ipanema, 2019.

Bibliografia: f. 31- 33.
Anexo: f. 34.

1. Dinâmicas socioeconômicas. 2. Globalização. 3. Povos Indígenas Fulni-ô.
4. Águas Belas – PE. I. Título.

CDU : 33(813.4)

Folha de Aprovação

ANA PATRÍCIA REIS DA SILVA

A globalização e as dinâmicas socioeconômicas dos povos tradicionais:

Um estudo a partir do grupo indígena Fulni-ô de Águas Belas, Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção de título de Bacharel em
Ciências Econômicas da
Universidade Federal de Alagoas e
aprovada em dia 28 de agosto de
2019.

Rafael de Oliveira Rodrigues

Professor Doutor Rafael de Oliveira Rodrigues, Economia UFAL (Orientador)

Banca Examinadora:

Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa

Professor Doutor Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa, Economia UFAL
(Examinador interno)

Girleto Costa Pereira

Professor Mestre Girleto Costa Pereira, Economia UFAL (Examinador interno)

Agradecimentos

Ao meu orientador Rafael Rodrigues por toda a paciência dedicação e cautela na orientação, e a todos os meus professores que ensinaram mais do que apenas os conteúdos. A todos os funcionários desta instituição.

A todas as pessoas da universidade que fizeram parte de minha vida e que permanecerão fazendo, principalmente meus amigos Daniele Fernandes, Afrânio José, Tauanne Souza, e Experidião Geovanini (Neto), tenham certeza que terão um lugar guardado na parte central de meu cérebro responsável por sentimentos.

Agradeço as minhas amigas “desembestadas” que sempre seguraram minha mão nas horas fáceis e difíceis Ene Cabral, Jeniffer Mendes, Ammiquielly Gomes e Geisy Rocha. Além delas, agradeço com muito carinho a meu amigo e protetor André Amorim que me ensinou sem palavras o significado de equilíbrio.

A minha família que sempre me apoiou em relação aos estudos, meu pai que não está mais presente em corpo físico, mas sua lembrança, seu ensinamento e disciplina permanecem vivos de alguma forma dentro de mim. A minha mãe que mesmo eu usando os melhores adjetivos, não conseguiria descreve-la da forma que ela realmente merece. Agradeço a essa mulher guerreira que criou sete filhos por mais de quinze anos sozinha, te amo por isso e muito mais.

Meus irmãos Paulo, Salomão, Fabiana, Izabel, Samuel e em especial a Ana Paula Reis que além de irmã também fez parte de minha formação sendo minha professora, dedicou muito tempo de sua vida para me ajudar a superar os obstáculos que tive na vida acadêmica e sempre me incentivando a nunca desistir de estudar. Agradeço também ao meu cunhado Jeferson Caetano que por muitas vezes me ajudou a entender o universo da matemática durante as dificuldades que tive na universidade. E agradeço a mim mesma por ter tido paciência, ter passado madrugadas estudando e não ter desistido mesmo sendo tudo isso minha obrigação.

Por fim, agradeço com muito carinho a pessoa que se moldou ao meu jeito estranho de ser, que alegra meus dias e me faz sentir de uma forma muito linda o quanto sou importante. Que sempre compreendeu os dias que precisei de espaço para estudar, e os dias que me ausentei para cuidar da saúde da minha família. Obrigada por existir na minha vida Samara Teixeira.

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é analisar o modo como elementos culturais dos povos indígenas da etnia Fulni-ô residentes no município de Águas Belas, Pernambuco, são produzidos como objetos de consumo para turistas e visitantes, seguindo a lógica do mundo globalizado. Para o alcance do objetivo proposto, foi utilizada uma metodologia qualitativa, de cunho bibliográfico. Os resultados apontam que os índios Fulni-ô são um ótimo exemplo para refletir a produção de elementos culturais e identitários em objetos de consumo, articulando categorias como local e global, para divulgar elementos da sua cultura, ao mesmo tempo em que promovem desenvolvimento socioeconômico da etnia.

Palavras chave: Águas Belas/PE; Cultura; Globalização; Povos Indígenas Fulni-ô.

ABSTRACT

The main objective of this work is to analyze the way cultural elements of the indigenous peoples of the Fulni-ô ethnicity residing in the municipality of Aguas Belas, Pernambuco, are produced as objects of consumption for tourists and visitors, following the logic of the world Globalized. To reach the proposed objective, a qualitative methodology was used, with a bibliographical nature. The results point out that the Fulni-ô Indians are a great example to reflect the production of cultural and identitary elements in consumer objects, articulating categories as local and global, to disseminate elements of their culture, at the same time that they promote socioeconomic development of ethnicity.

Keywords: Aguas Belas/PE; Culture; Globalization; Indigenous peoples Fulni-ô.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Modelo dos Círculos Concêntricos - Comissão Europeia	14
Figura 03- Aldeia onde se pratica o Ouricuri	19
Figura 04: Artesanato Indígena.	21
Figura 05: Apresentação do artesanato Fulni-ô (2014).	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Recursos Naturais dos Fulni-ô (2006)	23
---	----

LISTA DE SIGLAS

FIRJAN	Federação das Indústrias do Rio De Janeiro
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNCTAD	United Nations Conference on Trade And Development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ECONOMIA DA CULTURA.....	12
3 NOTAS SOBRE O APORTE METODOLÓGICO	15
4 DINÂMICAS SOCIOECONÔMICAS DOS POVOS INDÍGENAS SOB A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO.	16
4.1 Os Fulni-ô de Águas Belas, Pernambuco.....	18
4.2 A produção de artesanato e as dinâmicas socioeconômicas dos Fulni-ô	20
4.3 Cultura, Economia e Transformação sob influência da globalização.	26
5 CONCLUSÃO	29
6 REFERÊNCIAS	31
ANEXO I	34

1 INTRODUÇÃO

Os Fulni-ô são um grupo indígena localizado no município Águas Belas, no Agreste do Estado de Pernambuco. Este grupo étnico tem sido representado, através dos estudos históricos e antropológicos (MELO, 2013; PACHECO DE OLIVEIRA, 1994), com enfoque na luta pela manutenção de sua cultura diante do acelerado processo de modernização, em que, cada vez mais, a proximidade com outros costumes de etnias diferentes das deles, influenciam nas suas práticas diárias.

Os indígenas que se definem de forma pública como índios, assim, são considerados por direito como indígenas, pois é estabelecida uma identidade diferenciada, quebrando o preconceito em relação aos índios do Nordeste, que por sua vez não são menos indígenas que os da Amazônia (MELO, 2013).

A sociedade carrega consigo uma tradição cultural mediante as suas vivências que podem ser reestruturadas sem perder sua cultura, como forma de sobrevivência e adaptação ao mundo globalizado.

A definição também implica que a cultura é mais do que um fenômeno biológico. Ela inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento – técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta (SANTAELLA, 2003, P. 31).

À medida que os povos indígenas vão se apropriando de elementos culturais, que, segundo Appadurai (2008), circulam como mercadorias no mundo globalizado, o Estado brasileiro, como também grande parte da sociedade civil mais ampla, têm dificuldade em entender que mesmo agregando elementos de outras culturas, os povos indígenas ainda mantêm sua identidade étnica (PACHECO DE OLIVEIRA, 1994).

Este contexto em que se encontram os povos indígenas brasileiros na atualidade nos levou a elaboração da seguinte questão de pesquisa: quais as estratégias adotadas pelos indígenas em contextos globalizados para reafirmar sua cultura? Através dela procuramos abordar o problema que envolve as transformações culturais pelas quais os povos tradicionais têm passado com a consolidação da globalização, e como eles utilizam do próprio aparato oferecido por nesse contexto nas suas atividades econômicas e culturais.

Nesse sentido, desenvolvemos o seguinte objetivo de pesquisa: analisar, de forma exploratória, as dinâmicas econômicas e socioculturais dos Fulni-ô de Águas Belas na atualidade. Trata-se de caracterizar os povos indígenas Fulni-ô, suas particularidades

socioculturais; analisar suas dinâmicas econômicas, especialmente a produção de artesanato; e as transformações culturais e econômicas deste grupo no cenário atual.

Para ao alcance dos objetivos propostos foi utilizada uma metodologia qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica e documental, como também em registro fotográfico. É importante destacar que, enquanto pesquisadora, eu faço parte deste grupo étnico, o que me possibilitou acesso a materiais com mais facilidade.

É importante destacar ainda que foi necessário fazer um exercício de distanciamento no momento de coleta e análise dos dados. Este exercício foi feito a partir de uma literatura antropológica (PEIRANO, 1999), e também pelo olhar atento do meu orientador, professor Rodrigues.

As conclusões apontam que os índios Fulni-ô são um excelente exemplo para pensar as estratégias que guiam a produção de elementos culturais e identitários em objetos de consumo. Nesse sentido, o artesanato se mostrou um ótimo referente empírico para refletir as articulações entre categorias como local e global, para divulgar elementos da sua cultura, ao mesmo tempo em que promovem desenvolvimento socioeconômico da etnia.

2 A ECONOMIA DA CULTURA

A Economia da Cultura tem como objetivo central estudar os fenômenos econômicos e sua relação com a cultura. Um estudo iniciado por Baumol e Bowen (1969), intitulado *Performeng arts: the economic dilemma*, tratava o estudo na defesa dos auxílios subsidiários, direcionado às atividades artísticas. Eles foram os pioneiros no estudo desta área, com análise de teatros ao vivo na Broadway (DINIZ, 2008).

O conceito de Economia da Cultura já sofreu muito em relação a sua definição “[...] organismos internacionais, instituições acadêmicas e órgãos públicos de vários países estão na busca de delimita-la e defini-la” (GORGULHO, L. et all, 2009, p. 4).

Ao relacionar os temas das dinâmicas econômicas às dinâmicas culturais, uma série de estudos sobre o tema da economia criativa tem ganhado destaque (GORGULHO, L et al, 2009). O campo da economia da cultura começou a ter força no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 através do surgimento de novas tecnologias.

Apesar do termo “economia da cultura” suscitar uma série de questões referentes ao modo como setores do mercado, especialmente o turístico, tem se apropriado de elementos culturais como celebrações, edificações, lugares, ofícios e modos em contexto urbanos, hoje este campo está delimitado e “[...] estuda os efeitos da atividade econômica ligada a

manifestações artística e criativa de uma sociedade” (LIMA; FRANÇA; MATTA, 2006, p. 5).

O campo da Economia da Cultura tinha seus primeiros trabalhos relacionados apenas às “artes” (BENHAMOU, 2007, p. 18), e está baseada, desde seu surgimento, na produção de trabalhos empíricos (BLAUG, 2001) que por ser relacionado ao setor cultural, identificou dificuldades de mensuração de certas variantes devido à escassez de dados, coisa que tem sua normalidade bem recorrente no meio do estudo econômico.

O primeiro a utilizar exemplos de atividades culturais como um objeto possível de ser estudado foi o economista Alfred Marshall na sua obra “Princípios de economia” onde fazia a análise de que em relação ao consumo da música, que quanto mais um indivíduo escuta, a satisfação tem uma tendência em aumentar, fato que quando comparado aos produtos industriais funciona de forma invertida (LIMA; FRANÇA; MATTA, 2006).

Um argumento que levanta bastante questionamento na área da economia da cultura é o fato de que existem várias manifestações culturais que não geram impacto no mercado. Este ponto encontra uma maior ressonância nos estudos de sociologia, como por exemplo, os estudos de Appadurai (2008).

Nesse sentido, é apropriado antes de tudo dividirmos a abordagem da economia da cultura em duas frentes, uma ligada as sociedades complexas, ou seja, urbanos industriais, em que a economia da cultura tem se debruçado com mais frequência, e outra nas sociedade simples, de organização mais voltadas para as trocas internas. Neste segundo caso o enfoque recai sobre os sistemas de trocas e o modo como elas circulam dentro da própria dinâmica cultural.

É importante destacar que estes modelos já foram bastante discutidos e, eventualmente, superados, uma vez que estamos num mundo globalizado, em circulação de pessoas, elementos culturais e mercadorias, rasuram a dicotomia sociedades complexa vs sociedades simples (HALL, 1999).

A definição que foi disponibilizada no relatório da FIRJAN¹ relacionado à economia cultural de acordo com o IBGE é a seguinte:

Consideram-se como atividades econômicas diretamente relacionadas à cultura as atividades características que são típicas da cultura, tradicionalmente ligadas às artes. Como atividades de edição de livros, rádio, televisão, teatro, música, bibliotecas, arquivos, museus e patrimônio histórico (FIRJAN, 2008, p. 30).

Esse tipo de indústria sendo voltada para o cultural gerou muitas críticas por parte da antropologia e da sociologia, especialmente para a visão limitada do conceito de cultura. “[...]”

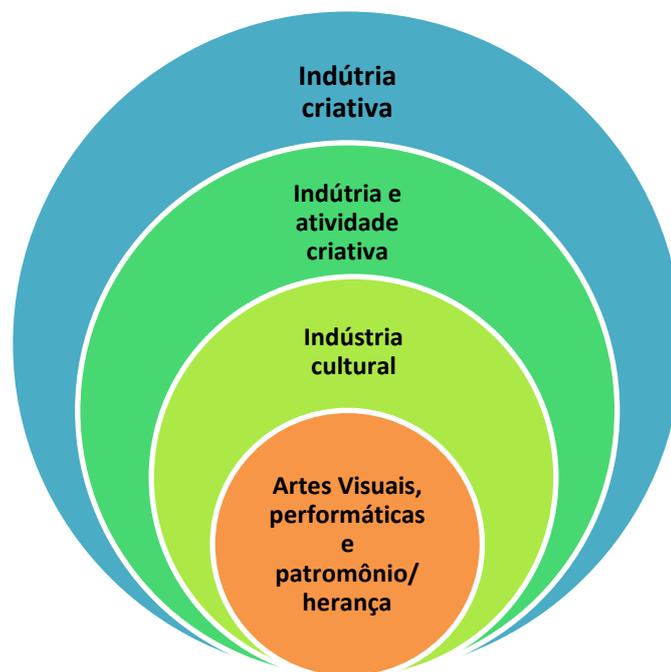
¹ Organização privada sem fins lucrativos. Sigla: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

Para alguns, a noção de “indústrias culturais” evoca outras dicotomias para além de sociedades complexas e sociedades simples, como por exemplo, dicotomias, tais como cultura de elite versus de massa, cultura erudita versus populares e belas artes versus entretenimento comercial” (UNCTAD, 2010, p. 5).

Em outras palavras, adota uma perspectiva de cultura que reduz o conceito a uma cultura erudita e outra popular, não conseguindo observar a complexidade das práticas culturais e o problema de classificá-la de modo estático, entre alta e baixa cultura.

A economia da cultura de acordo com (GORGULHO, L. F. 2009) é englobada pelas indústrias culturais que tem uma produção e incorpora elementos na produção de bens e serviços, como um núcleo formado pelo campo das artes. Para melhor explicação, usamos o modelo de Círculos Concêntricos proposto pela Comissão Europeia (Figura 01) enfatizando a cultura no âmbito econômico.

Figura 01 Modelo dos Círculos Concêntricos - Comissão Europeia



Fonte: Fonte: Gorgulho et al.(2009).

Esta crítica fez com que o campo da Economia Cultural se voltasse também não apenas para as trocas econômicas em contexto urbano industrial, mas também para outros meios, com outros grupos, como por exemplo, camponeses, quilombolas, povos indígenas.

Conforme (GORGULHO, 2009) essa ideia é mais bem compreendida quando ele explana da seguinte maneira:

O núcleo do modelo é formado pelas artes visuais (artesanato, pintura, escultura e fotografia), artes performáticas (teatro, dança, circo e festivais) e patrimônio/herança (bibliotecas, acervos, museus e sítios arqueológicos). O primeiro círculo diz respeito às indústrias culturais (cinema e vídeo, TV e rádio, videogames, música gravada e ao vivo, livros e imprensa), e o segundo contempla as indústrias e atividade criativas (arquitetura, design e propaganda) [...] ainda avança para um terceiro círculo, o das indústrias criativas relacionadas, que também se beneficiam de fatores dos círculos anteriores na sua produção. É composto por um amplo conjunto de atividades: produção de software, de PC, de MP3 player, de celulares, (GORGULHO et al., 2009).

A chave para entender esta abertura do escopo de análise deste campo está na ideia de economia criativa², que procura trazer elementos das realidades locais para pensar formas de desenvolver um sistema de produção, como também estabelecer formas de colocar estes produtos em circulação, de acordo com os preceitos básicos da economia.

Com isso, percebemos que a Economia da cultura durante seu processo de configuração, apesar das dificuldades que se teve de delimitar a relação de seu campo de estudo, as dinâmicas econômicas ligadas à cultura, pensam os elementos culturais como um produto, um tipo de serviço, que se manifesta a partir das demandas da criatividade com significado simbólico (THROSBY, 2001).

3 NOTAS SOBRE O APORTE METODOLÓGICO

Para o alcance do objetivo proposto, foi utilizada uma metodologia qualitativa, especificamente, uma pesquisa bibliográfica e documental, sendo dividida em dois momentos distintos.

O primeiro teve como foco o levantamento de dados bibliográficos que permitissem a realização do estudo, ou seja, identificar se de fato há uma relação entre as políticas de patrimônio cultural brasileira e o setor turístico. Desta forma, apresentamos as técnicas de pesquisa que foram utilizadas no desenvolvimento deste TCC.

É importante chamar atenção para o fato de que, além de ter como local de pesquisa a biblioteca e também os centros de pesquisas que tratam de temas como a memória, a história e a cultura dos povos indígenas de Pernambuco, o avanço da *internet* trouxe uma série de novas

² Originário do termo Indústrias criativa. Atividade baseada no capital intelectual e criativo gerador de riqueza econômica. Não há uma definição única. Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), é um conjunto de atividades econômicas baseadas no conhecimento com uma dimensão de desenvolvimento e ligações transversais a nível macro e micro à economia global.

possibilidades para a pesquisa bibliográfica e documental.

Destaco, entre elas, as plataformas virtuais e periódicos científicos disponíveis na rede, além de blogs e sites que permitem o acesso a documentos como encontrados na FUNAI, entre outros sites ligados ao governo brasileiro.

Dito isto, o trabalho de coleta dos textos que auxiliaram no melhor entendimento das relações entre os povos indígenas e suas dinâmicas econômicas e socioculturais dos Fulni-ô de Águas Belas foi realizado em diferentes lugares.

Demos prioridade principalmente ao *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), porque ele concentra uma série de periódicos nacionais e internacionais. Outra plataforma utilizada foi o *pergamum*, sistema de bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras. Através dele, foram consultadas as bases de dados da Biblioteca da UFAL. Assim, conseguimos encontrar um material mais variado e extenso sobre a temática dos povos indígenas do Nordeste, especialmente os Fulni-ô.

As categorias que nos guiaram nesta etapa do trabalho foram: povos indígenas, memória, histórica, trocas econômicas, produção de artesanato, cultura. A partir delas conseguimos acessar uma gama diversa de material.

A bibliografia coletada nestes diferentes lugares possibilitou observar que existem estudos de áreas diversas sobre a relação entre os povos indígenas, globalização e dinâmicas econômicas e socioculturais.

Desse material, selecionamos alguns que trazem, dão destaque à temática do turismo e como ela se relaciona diretamente com a temática da economia da cultura, economia criativa, antropologia social.

Por fim, gostaria de destacar que também foi realizada uma série de fotografias na própria aldeia. Estas imagens são ilustrativas do modo como os Fulni-ô têm desenvolvido suas atividades econômicas e culturais no município de Águas Belas, como também em outros municípios.

4 DINÂMICAS SOCIOECONÔMICAS DOS POVOS INDÍGENAS SOB A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO.

Ao longo dos anos os povos indígenas do Brasil têm passado por um contínuo processo de dizimação de sua cultura. Como marco deste processo, Pacheco de Oliveira (1994) chama atenção para as Reformas Pombalinas, em que práticas sistemáticas de assimilação foram implementadas pelo estado com o intuito de agregar os povos indígenas à lógica de mercado

européia no final do século XVIII.

No século XIX, com o final da escravidão, este processo foi intensificado através das políticas eugenistas, as quais tinham como principal objetivo, além de promover uma maior assimilação da população indígena e afrodescendente, purificar o povo brasileiro.

Como marco deste período, foram implementadas uma série de estratégias e de incentivos à vinda de trabalhadores europeus, brancos, com a finalidade de dirimir a mestiçagem e formar uma raça pura. Nesse momento histórico acreditava-se que a mistura de raça era o principal entrave ao desenvolvimento social e econômico do país (LARAIA, 2001).

Dessa forma, os povos indígenas entraram no século XX como “cobaias” de um processo civilizatório caracterizado por uma grande violência física e simbólica, tendo como objetivo agregá-los a lógica de mercado, através da destruição dos seus principais elementos culturais: festividades, artesanato, religiosidade, rituais.

Cabe destacar que este processo foi mais forte no Nordeste do país, uma vez que geograficamente ele foi colonizado primeiro, o que não quer dizer que ele não tenha sido tão violento quanto para com os povos indígenas do Norte do País (PACHECO DE OLIVEIRA, 1994).

No que se refere mais especificamente aos Fulni-ô, eles foram durante muito tempo considerado pelos estudiosos como os últimos remanescentes dos históricos índios Karirí, cujo hábitat abarcava todo o Nordeste do Brasil (BOUDIN, 1949).

No entanto, depois de análises linguísticas, concluiu-se que não havia uma relação direta entre os dois grupos. O que se sabe é que, de acordo com registros da Informação Geral da Capitania de Pernambuco (1906), eles eram cerca de 323 pessoas que pertenciam a grupo indígena em meados de 1749. E que já nos anos de 1937 o grupo havia crescido consideravelmente.

E é apenas a partir da Constituição de 1988 que este cenário começa a mudar, e os povos indígenas começam a ganhar direito à voz, tendo como base uma série de direitos garantidos, como direito a terra, a educação e saúde (PACHECO DE OLIVEIRA, 1994). Todavia, a grande violência simbólica sofrida ao longo da colonização ainda trazia uma vergonha para que eles buscassem o reconhecimento como indígena.

Este quadro começa a se modificar a partir da década de 1990. Pacheco de Oliveira (1994) observa que, neste período, teve início um movimento conhecido como *etnogênese*, processo através do qual os povos indígenas, especialmente os do Nordeste, começaram a se reafirmar enquanto índios, exaltando sua identidade através de elementos da sua cultura.

No Estado de Pernambuco se percebe uma grande variedade de etnias, sendo elas as

seguintes; Kapinawá, Xucuru, Tuxá, Kambiwá, Pipipã, Pankararu, Pankararu Entre Serras, Pancaiuká, Atikum, Pankará, Orocó, Truká e os Fulni-ô no município de Águas Belas (MARQUES, 2006).

Dito isto, este capítulo tem como finalidade apresentar, de início, as principais características da comunidade indígena Fulni-ô, no Estado de Pernambuco. Em seguida, analisarmos a produção econômica deste grupo, especialmente a produção de artesanato. Por fim, refletirmos alguns pontos sobre a transformação cultural dos Fulni-ô e de suas dinâmicas socioeconômicas no mundo globalizado.

4.1 Os Fulni-ô de Águas Belas, Pernambuco.

Atualmente os povos indígenas da etnia Fulni-ô estão localizados no município de Águas Belas, agreste de Pernambuco, com 40.235 mil habitantes (ver mapa no Anexo I), sendo aproximadamente 4.689 indígenas (IBGE, 2010), e são o único povo indígena do Nordeste a falar sua língua matriz, o Ia-thê.

Não se tem uma data exata de quando a tribo foi aldeada³, como também existe a possibilidade de que os mesmos tenham obtidos elementos de outras tribos anteriores que possivelmente deram origem ao seu povo.

A palavra Fulni-ô significa “povo que vive ao lado do rio” (CAMPOS, 2006). A terra indígena deste povo ocupa uma área regularizada pela FUNAI de 11.505,71 hectares, pertencente à modalidade de reserva indígena distribuída ao redor do município de Águas Belas (FUNAI, s.d.). Essa terra fica numa distância de aproximadamente 82,7 Km do município de Garanhuns e está localizada no Território do Agreste Meridional de Pernambuco (ALVES *et. al.*, 2012).

A religião é para eles um assunto bem delicado, pois apesar da presença de Igreja Católica na praça central da aldeia, muitos dos indígenas Fulni-ô se consideram apenas índios quando lhes perguntam sobre suas religiões. Esse é um aspecto bem nítido de como esse grupo se adaptou diante do que lhe foi imposto pelas culturas distintas às deles.

Diante disso os índios Fulni-ô, de Águas Belas, são um grupo interessante para refletir as transformações culturais e as estratégias de reafirmação identitária no mundo globalizado, marcado, como observa Hall (1999), pelo estreitamento das fronteiras geográficas e culturais, aliados em novos processos de comunicação e, mais ainda: de assimilação da lógica

³ Se organizar sob forma de aldeia.

capitalista do mundo globalizado.

Atualmente na aldeia Fulni-ô residem aproximadamente 4.509 habitantes, que se dividem entre aldeia principal, que fica numa distância de aproximadamente 500 metros do município de Águas Belas, também existe um anexo rural com 31 famílias e 132 pessoas (BRASIL, 2013). E outra aldeia onde eles praticam seu principal ritual (Figura 02), o Ouricuri, cuja função é exclusivamente para os rituais religiosos e está localizada a aproximadamente seis quilômetros da aldeia sede (MELO, 2013).

Figura 02- Aldeia onde se pratica o Ouricuri



Fonte: Chakaruna Abya Yala Sem fronteiras

Os Fulni-ôs são considerados um dos povos indígenas do Nordeste com maior resistência às modificações de sua cultura, pois conseguiram preservar e transmitir o seu idioma materno, o Yaathe, [ya: 'the] “nossa boca, nossa fala” (COSTA, 1993; SILVA, 2011).

Apesar disso, ao longo dos anos eles têm enfrentado um violento processo de identificação, e o principal entrave é a deslegitimação de alguns segmentos sociais em reconhecê-los como índios, utilizando a justificativa de que eles já estão há muito tempo convivendo com os povos ditos brancos, o que faz com que eles não sejam reconhecidos de um todo como povos indígenas.

Esta estratégia faz parte de uma série de ações que visam, em última instância,

deslegitimar a possibilidade dos povos indígenas terem seu direito à demarcação de terra amplamente garantida, como sustenta a Constituição de 1988 (PACHECO DE OLIVEIRA, 1994).

Em contrapartida, numa estratégia para se reafirmar como povo indígena, mesmo tendo assimilado uma série de elementos culturais no mundo globalizado, os Fulni-ô têm divulgado uma série de elementos da sua cultura, utilizando a mesma lógica de produção cultural na atualidade.

Em outras palavras, uma vez que a cultura no mundo globalizado se torna um elemento de mercado de bens (APPADURAI, 2008) uma mercadoria, a qual passa por um processo de produção, distribuição, circulação e consumo (HALL, 2014), eles têm utilizado alguns elementos de sua cultura, como artesanato, rituais, como forma de divulgar sua cultura e reafirmar sua identidade indígena.

Dessa forma, se percebe que, ao longo de sua trajetória em busca da legitimação de sua identidade étnica, os Fulni-ô tentam “superar as pressões mantendo sua língua própria e seus segredos e assiduidade em sua prática religiosa, economicamente praticam uma gama de atividades que os integram às economias locais, regionais e até mesmo nacionais” (CAMPOS, 2006, p. 62).

4.2 A produção de artesanato e as dinâmicas socioeconômicas dos Fulni-ô

Com a dificuldade climática enfrentada para práticas agrícolas na região e mesmo sem dados que comprovem qual o tipo de economia era praticada pelos Fulni-ô, Campos (2006) destaca que ela, provavelmente, era baseada na agricultura que permanece hoje ainda ativa entre alguns indígenas.

A economia indígena Fulni-ô é marcada por uma variedade de atividades, que pode ser compreendida como estratégias de sobrevivência a um ambiente que oferece poucas opções de criação de rendas, em razão das pressões sociais e ambientais a que são submetidos. Para superar estas dificuldades as índias e os índios praticam simultaneamente várias atividades, como cabelereira, pedreiro, agricultor (a) familiar, artesão, criadores de gado etc (CAMPOS, 2006, p. 60).

Com isso, as atividades econômicas que são praticadas se diversificam tanto no âmbito cultural, como em outras atividades, as quais, por sua vez, são consequentemente resultado do contato com não índios. Estas discussões se inserem na temática da Economia da Cultura, a qual trata o simbolismo cultural de uma determinada sociedade, como a ampliação das relações sociais de maneira a utilizar de ferramentas da economia que ajudam a analisar a

importância que tem a cultura como geradora de emprego e renda.

A participação da vida dos índios com eventos exteriores aos da tribo é significativa, uma vez que a aldeia é considerada um bairro da cidade (MELO, 2013). Existem membros da tribo que trabalham na cidade com funcionalismo público e privado, assim como existem comerciantes indígenas, jovens que estudam nas escolas municipais e estaduais fora do aldeamento, na política como vereadores, assim como no futebol os índios são bastantes presentes em relação à interação entre índios e não índios.

Figura 03: Artesanato Indígena.



Índio Xowa Fulni-o (Foto: Moema França/G1)⁴

As atividades econômicas em uma ordem decrescente, sendo a agricultura a primeira e em seguida vem o artesanato, que é bastante predominante na tribo e por sua vez é importado para vários lugares do Brasil, tem também os empregos e trabalhos que são exercidos pelos índios na cidade de Águas Belas e em outras cidades da região, a quarta forma de renda é o arrendamento de terra que são recolhidos anualmente, e por fim, tem as apresentações de

⁴ Disponível em: < <http://g1.globo.com/pernambuco/fenearte/2016/noticia/2016/07/indios-vendem-colar-de-semente-para-afastar-crise-na-fenearte.html> > Acesso em: 22 julh. 2019.

danças que tem crescido muito nos últimos anos (FERREIRA, 1996).

De acordo com uma pesquisa atual feita por Oliveira et.al (2017), em que destaca o artesanato como uma das principais atividades indígenas sendo considerada de extrema importância para os Fulni-ô, onde mostra uma ocupação de aproximadamente 20% da população desta comunidade.

Campos (2006, p. 64) destaca que, “no caso dos Fulni-ô, as únicas atividades exclusivamente indígenas são a produção de artesanato e a apresentação indígena, enquanto todas as outras também são exercidas pela população regional não indígena”. Existem épocas do ano em que a produção e venda de artesanato aumentam de forma significativa, como é o caso do Dia do Índio, que por sua vez é comemorado 19 de abril.

Uma observação interessante a destacar é o fato da disponibilidade de achar matéria prima para a confecção do artesanato, onde se percebe que o período de melhor colheita é o de seca, em que há uma maior produção, principalmente os que são fabricados com palha seca da espécie de palmeira Ouricuri. (CAMPOS, 2006; SCHRÖDER, 2011)

Ainda segundo Campos (2006) o artesanato se destaca como atividade econômica em relação às outras devido à questão cultural e histórica relacionada à etnia. Anteriormente predominava a venda de vassouras e venda de outros materiais feitos de ossos, como uma interação dos Fulni-ô e outras etnias, começou a adaptação no uso de outros materiais (MELO, 2013).

A produção de cada artesanato varia de acordo com a necessidade em cada época do ano, “atualmente são confeccionados artefatos utilitários, como bolsas, cestos, chapéus, colares, brincos, esteiras, tapetes, vassouras, chanducas⁵ e também artefatos decorativos como cocares, arco e flechas, bordunas⁶ e machados”.

Esta atividade fomenta uma rede de trocas, na qual os Fulni-ô aprendem a confeccionar determinados objetos de outras etnias e estabelecem uma relação de compra e troca de materiais, destacando as penas de arara e uma variedade de sementes. Neste aspecto as trocas étnicas mais importantes acontecem com os índios da região Norte do país. Esta rede de troca potencializa o artesanato e contribui para a inserção dos Fulni-ô no mercado consumidor. (CAMPOS, 2006, p 66).

É interessante destacar, assim como Hall (1999), que mesmo levando em consideração da distância entre os Índios do Nordeste e os Índios do Norte, que diante do fluxo de informação e da diminuição das fronteiras no mundo globalizado, por causa da melhoria dos meios de transporte, que há uma intensa troca de experiências e de mercadorias culturais

⁵ Cachimbo usado pelos índios fulni-ô.

⁶ Porrete/Arma indígena feita de madeira.

(APPADURAI, 2008) entre os povos indígenas. “Os Fulni-ô aprendem a confeccionar determinados objetos de outras etnias e estabelecem uma relação de compra e troca de materiais” segundo Campos (2006, p. 66).

Essas parcerias se tornam uma estratégia para conseguir dar mais visibilidade à cultura indígena e, em decorrência disso, para as demandas de acesso a serviços básicos desses povos, especialmente no que tange a saúde, educação e terra.

O quadro abaixo demonstra os recursos naturais que são utilizados no artesanato e a forma que cada um é aproveitado pelos Fulni-ô:

Quadro 1 - Recursos Naturais dos Fulni-ô

RECURSOS ANIMAIS	Nome popular	Parte utilizada	Utilidade	Procedência
	Pereiro (pau pereiro)	Madeira	Confecção da flecha	Local
	Tiririca	Semente	Confecção de brincos e colares	Externa
	Urucum	Semente	Tintura para pinturas em roupas e no corpo	Local
	Anu Preto	Penas das asas e rabo	Confecção de cocar	Local
		Penas das demais partes	Confecção de brincos, colar, acabamentos, flecha, etc.	
	Arara	Penas	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	Externa (Brasília)
	Águia	Penas	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	Local
	Carcará	Penas	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	Local
	Galinha	Penas de todo o corpo	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	Local
	Garça Branca	Penas das asas	Confecção de cocar	Local
		Penas das demais partes	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, etc.	
	Gavião	Penas das asas e rabo	Confecção de cocar	Local
		Penas das demais partes	Confecção de brincos, canetas, acabamentos, etc.	
	Guiné	Penas	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	-
	Louro	Penas que caem	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	Local
	Pato D'água (Pato selvagem)	Penas diversas	Confecção de cocar e braceletes	Local
Bico		Confecção de apitos		
Pescador	Bico	Confecção de apitos	Local	
Sariema	Penas	Confecção de brincos, braceletes, acabamentos, cocares, etc.	-	

	Urubu Rei	Penas	Confecção de cocar	Local
RECURSOS VERGETAIS	Nome popular	Parte utilizada	Utilidade	Procedência
	Angico	Madeira	Confecção de chanduca, borduna e arco-e-flecha.	Local
	Aroeira	Madeira	Confecção de arco-e-flecha, machadinhas e cabos	Local
	Bambu	Caule	Confecção de colares	Externa
	Baraúna	Madeira	Brinco em forma de pau	Local
	Buriti	Fruto/ coco	Confecção de colares	Externa
	Canela de veado	Madeira	Confecção de arco-e-flecha	Local
	Crauí	Fibra da folhas	Tece bolsas, chapéus e acabamentos.	Local
	Feijão brabo (folha larga)	Madeira	Confecção de arco-e-flecha e chanduca.	-
	Genipapo	Semente	Para pintura que passa no corpo	Externa
	Imburana	Madeira	Extração de tinta preta	Local
	Mandioca	Goma	Produção de cola e verniz artesanal	Local
	Meru	Semente	Confecção de colares	Local
	Mororó (pata de vaca)	Madeira	Confecção de arco-e-flecha	Local
	Mucunã	Semente	Confecção de colares	Local
	Mulungu	Semente	Confecção de colares	Local
Olho de pombo	Semente	Confecção de brincos e colares	Externa	
Ouricuri	Fruto/coco	Colares	Local	
	Folíolos/ Palha	Confecção de cestos, chapéu, bolsas, esteiras, vassouras, etc.		

Fonte: Campos (2006).⁷

É possível observar que os Fulni-ô utilizam recursos naturais de fontes e origens diversas. Surgem como elementos importantes para sua produção artesanal tanto materiais derivados dos pequenos animais que compõe a fauna da região, mas também das plantas de sua flora diversificada.

De acordo com Campos (2006) a maior parte desses recursos pode ser encontrada no território em que vivem os Fulni-ô, especificamente na caatinga, sendo os recursos vegetais os mais utilizados na confecção dos artesanatos.

Esses artesanatos são comercializados tanto dentro da aldeia quanto fora dela, periodicamente uma boa parte dos índios viajam para cidades grandes para vender artesanato e para fazer apresentações de dança (ver Figura 04). Alguns dos artesanatos são vendidos para os próprios Fulni-ô que por sua vez revendem em outras localidades.

⁷ (Dissertação de Mestrado) Por uma Antropologia Ecológica dos Fulni-ô de Águas Belas. Recife: UFPE, 2006, p. 66.

Figura 04: Apresentação do artesanato Fulni-ô (2014).



Fonte: Secretaria de Educação de Pernambuco⁸

Parte do artesanato é vendido em Brasília, Rio de Janeiro e algumas cidades do Estado de Pernambuco. Eles passam aproximadamente um mês viajando de forma independente, se organizando em grupos, como também individualmente, fazendo esse tipo de atividade. Essa é uma das formas mais comuns de renda dos Fulni-ô, assim como a maneira que buscaram de divulgar sua cultura e se manterem dentro do que o mundo globalizado exige.

Ainda assim, os programas sociais, como a Bolsa Família e os benefícios do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), tem uma função primordial, pois ocupa a primeira posição, em relação à economia da comunidade indígena de Águas Belas, representando para 22% dos índios a principal fonte de renda (OLIVEIRA; LINO; FREITAS et. al. 2017).

O arrendamento de terra é também outra atividade econômica representativa dos Fulni-ô. Eles possuem lotes de terras próprios que são arrendados a terceiros, sendo elas índios ou não, onde é estipulado um valor para ser pago anualmente ao dono dos terrenos.

⁸ Disponível em: < <http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria> >. Acesso em: 03 julh. 2019.

Esses lotes ficam localizados tanto dentro da cidade de Águas Belas, quanto em setores não urbanizados. Segundo (CAMPOS, 2006):

Esta atividade tem uma grande importância econômica para algumas famílias, porém não para todas, promovendo diferenciações econômicas, assim como os empregos públicos. O loteamento de terra indígena e a prática correspondente de arrendamento geram um problema de concentração de terras, que por sua vez contribui para a existência de grandes diferenciações sociais e econômicas, criando entre índios e índias as categorias “rico” e “podre” (CAMPOS, 2006, p. 72).

O arrendamento de terras traz algumas vantagens econômicas para algumas famílias Fulni-ô e desvantagens para outras por gerar uma desigualdade social entre os membros da comunidade. Além disso, existem os indígenas que trabalham na cidade de cargos públicos e privados. Relação que gera e gerou muita discussão em relação a perda de sua identidade. Por muitos anos esse é um tipo de questionamento bastante discutido, devido à possibilidade de se perder sua cultura meio a tantas tecnologias.

Qualquer grupo social humano elabora e constitui um universo completo de conhecimentos integrados, com fortes ligações com o meio em que vive e se desenvolve. Entendendo cultura como o conjunto de pessoas de uma determinada sociedade humana dá às experiências por ela vividas e aos desafios que encontra ao longo do tempo, percebe-se o quanto as diferentes culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação. No entanto, é importante frisar as variadas culturas das sociedades indígenas modificam-se constantemente e reelaboram-se com o passar do tempo, como a cultura de qualquer outra sociedade humana. (FUNAI, 2013).

Essa interação entre duas sociedades com culturas distintas foi um risco para os Fulni-ô, que conseguiram se moldar as exigências que sofreram para sobreviver na sociedade de forma geral. Atualmente na literatura especializada (MELO, 2013; 2017; HALL, 1999; PACHECO DE OLIVEIRA, 1994) já se reconhece que, diante da lógica do mundo globalizado, a cultura é um elemento processual, ou seja, está em constante transformação à medida que diferentes grupos entram em contato e interagem na esfera social e econômica.

4.3 Cultura, Economia e Transformação sob influência da globalização.

A globalização sendo o principal agente que proporcionou o avanço e criação de sistemas dinâmicos de aproximação de sociedades junto à lógica do capitalismo, onde a economia, a cultura e as políticas sociais se interagem. Desta forma, Octavio Ianni

complementa que:

A Globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala a emergência da sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória (IANNI, 1997, p. 7).

Tais padrões globais influenciam de forma negativa e positiva na vida das pessoas, pois se deixa de lado o padrão local em detrimento do global, no que se trata dos povos tradicionais, é proporcionada uma perda nos hábitos culturais gerando uma aculturação. Segundo Milton Santos:

Sem dúvida, o mercado vai impondo, com maior ou menor força, aqui e ali, elementos mais ou menos maciços da cultura de massa, indispensável, como ela é ao reino do mercado, e a expansão paralela das formas de globalização econômica, financeira técnica e cultural. Essa conquista, mais ou menos eficaz segundo os lugares e as sociedades, jamais é completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente. (SANTOS, 2010, p. 143-144).

Quando é reformulada sua maneira de comércio sem deixar de lado seus costumes, isso mantém a ideia de que existem pontos tanto positivos quanto negativos, no entanto nenhum deve ser tomado como total verdade absoluta do que realmente gerou esse processo de trocas, mesmo sedento a possibilidade de se perder sua cultura, os Fulni-ô se rediram a uma forma de adaptação.

Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo àquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impenetrante e na diferença e no pluralismo cultural. (HALL, 1999, p.73).

A Economia da Cultura trata o simbolismo cultural de uma determinada sociedade, como a ampliação das relações sociais de maneira a utilizar de ferramentas da economia que ajudam a analisar a importância que tem a cultura como geradora de emprego e renda. Mesmo em meio às dificuldades obtidas pelos índios de forma geral, em manter sua cultura viva, especificamente a tribo Fulni-ô da cidade de Águas Belas- PE, os indígenas utilizam mecanismos da economia da cultura como forma de manter e mostrar sua cultura e costumes, sabendo que essa seria uma forma de sobreviver ao mundo globalizado, buscando uma via estratégica para sair da tutela do Governo Federal (FUNAI) na geração de renda e gerenciamento de seus recursos.

Os mecanismos utilizados se tratam de ferramentas da Economia da Cultura que ajudam na produção de bens de consumo. Temos como exemplo disso os bens tangíveis e

intangíveis da produção cultural, canais de circulação, tecnologia e a produção. Os Fulni-ô utilizam tais ferramentas quando empregam sua cultura a esses mecanismos em troca de obtenção de renda.

Estes autores somados a um dos estudiosos da economia cultural (SCOTT, 1999) permitem refletir como os elementos culturais dos Fulni-ô são transformados em mercadorias, tendo como principais agentes deste processo eles próprios, contribuindo para divulgar a cultura indígena, ao mesmo tempo em que garantem renda para a população indígena.

Quando se fala em transformação de costumes, é de extrema importância saber que toda e qualquer cultura em um determinado momento pode ser de alguma forma modificada e transmitida, indicando que as relações culturais vivem em constante processo de reconstrução (Pacheco de Oliveira, 1994). Para Cucho (1999) nenhuma cultura existe “em estado puro”, sem que jamais tenha passado por qualquer influência, mesmo que seja mais simples possível. Seguindo essa linha de pensamento, se percebe que para os Fulni-ô esse fenômeno rompe barreiras e flexibiliza as relações entre índios e não índios mesmo diante as dificuldades de manter sua cultura ativa.

Fredrik Barth disseminou essa ideia que percorre no campo étnico e levantava a bandeira argumentando:

Apenas os fatores socialmente relevantes tornam-se próprios para diagnosticar a pertença, e não as diferenças “objetivas” manifestas que são gerados por outros fatores. Pouco importa quão dessemelhante possam ser os seus membros em seus comportamentos manifestos – se eles dizem que são A, em posição a outra categoria B da mesma ordem, eles estão querendo ser tratados e querem ver seus próprios comportamentos serem interpretados e julgados como de As e não de Bs (BARTH, 1998: 195).

Nesse sentido, é importante considerar as questões simbólicas que compõem seus traços culturais, por serem parte de fatos que afirmam sua identidade quanto indígenas, esses elementos ajudam na relação de portabilidade de uma identidade específica. De acordo com Barth (1998) ainda, a forma de organização social de um grupo étnico depende das fronteiras que se estabelecem com a manutenção provinda dos índios e não índios.

Referente a isso, percebe-se que em meio às mudanças decorrentes do mundo capitalista e globalizado, é impossível um grupo étnico manter sua cultura e costumes de forma original, na verdade é impossível pensar conceitos como o de originalidade e autenticidade no mundo em constante transformação (HALL, 1999), pois a cultura está sempre se dinamizando e se transformando.

Sendo assim, os grupos étnicos devem aparecer como organização social que se adapta

as mudanças, assim como afirma Cunha:

Um mesmo grupo étnico exibirá traços culturais diferentes, conforme a situação ecológica e social em que se encontra adaptando-se às condições naturais e às oportunidades sociais que provêm da interação com outros grupos sem, no entanto, perder com isso sua identidade própria (CUNHA, 1986: 115).

O que se percebe é que a identidade étnico-cultural da comunidade Fulni-ô sofreu em muitos pontos mudanças negativas advindas da globalização e sua rápida expansão tecnológica e mesmo diante desse fato eles conseguiram se preservar usando artifícios inteligentes. A atividade econômica é um dos pontos principais da preservação e divulgação de sua cultura.

5 CONCLUSÃO

Diante do que foi pesquisado, percebe-se que a Economia da Cultura, traz um conceito importante e categórico para a análise em questão, pois a cultura é um instrumento de extrema utilidade para o desenvolvimento econômico e social. A economia e a cultura sendo trabalhadas juntas melhoram o entendimento que se tem de dinâmica econômica por fugir de uma forma muito positiva, do que as produções de consumo exigem. Proporcionando uma inclusão tanto social quanto econômica para diversas sociedades tradicionais e culturais, sendo elas indígenas ou de outras etnias.

A globalização em sua definição de quebra de fronteiras entre sociedades pode de alguma forma proporcionar a etnias como as dos Fulni-ô uma perda de sua identidade, pois coloca em risco a validade de uma tradição cultural, principalmente quando se é relacionado a culturas étnicas.

Dessa forma, é importante ressaltar que os povos indígenas Fulni-ô, assim como outras tribos do Nordeste, fizeram parte do processo de tentativa de “aculturação”, onde a ideia que se tinha era de que os índios ao entrar em contato, mesmo que pouco, com os “brancos”, perderiam logo seus costumes e iriam se tornar “civilizados” (GALVÃO, 1979).

Vários questionamentos são feitos referente à identidade étnica dos índios Fulni-ô devido ao fato deles viverem tão próximo da cidade de Águas Belas, no entanto, o que se pode afirmar é que não se define um grupo étnico a partir de noção de raça, ou sangue (PACHECO DE OLIVEIRA, 1994).

Assim, percebemos que para os Fulni-ô a cultura tem uma importância exorbitante que

proporcionou a capacidade de superar tudo que lhes foi “tirado”. Com muita inteligência se adaptaram as dificuldades que a relação com sociedades distintas proporcionam, sem perder sua língua nativa e seus rituais religiosos, e usam sua cultura como um meio de renda que gera impacto na economia da comunidade.

O artesanato sendo parte tangível da cultura Fulni-ô tem maior destaque e maior facilidade de circulação é um dos principais geradores de riqueza para a comunidade e com potencial ainda mais de se expandir, e na busca por essa expansão alguns indígenas usam as redes sociais para divulgar seu trabalho. Onde se encaixam de forma perfeita aos estudos da economia da cultural. Essa é a prova de que mesmo em meio às dificuldades e temendo perder seus costumes, os Fulni-ô tentam a cada dia se inteirar do funcionamento globalizado para se firmar como indígenas. Uma vez que um determinado grupo étnico se propõe a colocar sua cultura no mercado econômico, ela também explana ao mundo sua identidade.

Visto isso, percebemos que o estudo da economia da cultura sozinho não tem um interesse pelas dinâmicas sociais simples, mas se for feita uma junção de estudos culturais e economia cultural, se acende uma “luz” de possibilidades com interesse em estudar as sociedades indígenas e tradicionais.

6 REFERÊNCIAS

_____. 1994. "A Viagem da Volta: Reelaboração Cultural e Horizonte Político dos Povos Indígenas do Nordeste". In: *Atlas das Terras Indígenas/Nordeste*. Rio de Janeiro: PETI/ Museu Nacional/UFRJ.

ALVES, Adjair; SÁ, J.C; ARAÚJO I.S - **O direito à terra como estratégia à preservação das espécies medicinais e ao fortalecimento da cultura nativa dos índios Fulni-ô (Águas Belas – PE)**. Revista Diálogos n° 7 – Revista de Estudos Culturais e da Contemporaneidade – UPE/Faceteg – Garanhuns/PE - 2012.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC: Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2006.

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas Fronteiras**. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. (Orgs.) *Teoria da Etnicidade*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Ed. UNESP, 1998, pp. 185- 227.

BAUMOL, William; BOWEN, William. **Performing arts: the economic dilemma**. Massachussets: Yale University Press, 1969.

BENHAMOU, F. **A Economia da Cultura**. Tradução: Geraldo de Souza. 1. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

BLAUG, Mark. Where are we now on cultural economics? **Journal of Economic Surveys**, Hoboken, v.15, n.2, p. 123-143, Apr. 2001.

BOUDIN, Max Henry. **Aspectos da vida tribal dos índios Fulni-ô**. Cultura, Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, v. 1, n. 3, 1949.

BRASIL, **Banco de Dados do Estado**. Disponível em: <http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=474&Cod=3> Acessado em: 27 jun. 2019.

CAMPOS, Carla Siqueira. **Por uma Antropologia Ecológica dos Fulni-ô de Águas Belas**. (Dissertação de Mestrado) Recife: UFPE, 2006.

COSTA, Januacele Francisca. **Bilinguismo e atitudes linguísticas interétnicas: aspectos do contato português – Ya: thê**. (Dissertação de mestrado) Recife: UFPE. 1993.

CUCHE, Deys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Antropologia do Brasil: Mito, História e Etnicidade**. São Paulo: Brasiliense, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

DINIZ, S. C. **Análise do Setor Cultural nas Regiões Metropolitanas Brasileiras**. Minas Gerais, 2008. Disponível em:
<<http://www.anpec.org.br/encontro2008/artigos/200807211651060-.pdf>> Acesso em 27 jul. 2019.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **Estudos para o desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro** a cadeia da indústria criativa no Brasil. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em:
<<http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CEC3286DF68013286FCB8CE2E1C.htm>>
Acesso em: 25 jul. 2019.

FERREIRA, Ivson J. **Relatório: Grupo indígena Fulni-ô**. FUNAI- ADR/Recife. 1996. FUNAI - Fundação Nacional do Índio. **Terras indígenas**. Disponível em:
<<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>> Acessado em: 04 jun. 2019.

GALVÃO, Eduardo. **Encontro de Sociedades: índios e brancos no Brasil**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1979.

GORGULHO, L. F. *et al.* **Economia da Cultura: o BNDES e o desenvolvimento sustentável**. BNDES Setorial 30. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:
<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/bndes/bndes_pt/Institucional/Publicacoes/Consulta_Expressa/Setor/Industria/200909_07.html>. Acesso em: 3 jun. 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: DP&A, p. 73, 1999.

IANNI, O. **A ERA DO GLOBALISMO**. RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1997. ÍNDIOS do Brasil. Conteúdo extraído do site da **Fundação Nacional do Índio**. Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/portal/> > acesso em 24 mai. 2019.

INFORMAÇÃO GERAL DE CAPITANIA DE PERNAMBUCO. *Annaes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, v. 28,1906 (1749).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Indígenas: Gráficos e tabelas**. Pernambuco, 2010. Disponível em < <http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html> > acesso em 15 jun. 2019.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14^o ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIMA, C. L. C.; FRANCA, C. O. ; MATTA, J. P. R. **Notas Sobre Economia da Cultura: interfaces sociais e acadêmicas do Brasil**. Niterói, 2006.

MARQUES, Juracy (org.). **Ecologias do São Francisco**. Paulo Afonso: Editora Fonte Viva, 2006.

MELO, Wilke Torres de. **Dinâmicas políticas indígenas: Una interpretación etnográfica del fenómeno político en el proceso de resistencia étnica Fulni-ô en noreste de Brasil**?. Uni-versidad Iberoamericana. México, D. F. 2013.

OLIVEIRA, V.P; LINO L.S; FREITAS J.B. **Entraves e perspectivas socioeconômicas para a continuidade da etnia Fulni-ô, no Agreste meridional de Pernambuco.** SINGA 2017- VIII Simpósio internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Curitiba 2017.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. **A Viagem da Volta: Reelaboração Cultural e Horizonte Político dos Povos Indígenas do Nordeste.** In: *Atlas das Terras Indígenas/Nordeste*. Rio de Janeiro: PETI/ Museu Nacional/UFRJ. 1994.

PEIRANO, Mariza. **Antropologia no Brasil. Alteridade Contextualizada.** In. MICELLI (org.), Sérgio. **O que ler nas ciências sociais brasileiras.** São Paulo. Editora Sumaré: ANPOCS, Brasília DF, CAPES, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura da mídia à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

SILVA, Yracoama Cruz da. **YAATHE: O Ensino Bilíngue com a Problemática de uma escrita Patrão.** Anais do V Encontro das Ciências da Linguagem Aplicada ao Ensino. UFRN – NATAL: GELNE. 2011.

THROSBY, David. **Economics and culture.** Cambridge: Cambridge University, 2001.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD). **Creative Economy Report. A feasible development option.** 2010. Disponível em: < http://unctad.org/es/Docs/ditctab20103_en.pdf >. Acesso em: 08 jun. 2019.

ANEXO I

